

## A resistência em Foucault, revisitada

Resenha (review) do livro *Foucault in Brazil: Dictatorship, Resistance, and Solidarity*, de Marcelo Hoffman

**Jade Gonçalves Roque<sup>1</sup>**

**Felipe Ramos Garcia<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

A caracterização da resistência na obra de Michel Foucault tem sido objeto de controvérsia. Ao longo de sua carreira, Foucault frequentemente se deparou com questionamentos acerca das possibilidades que seu pensamento colocaria para o exercício de formas de oposição ao poder (FOUCAULT, 2001a[1974], p.1364; 2001e[1977a], p.206; 2001f[1977b], p.267; 2001c[1982], p.1094). Depois de sua morte, essas indagações se transformaram numa proliferação de interpretações sobre o assunto.

A conhecida crítica de Habermas (2000[1985], p.393) ao pensamento de Foucault aponta, por exemplo, para a existência de uma circularidade constituída por poder e resistência na “historiografia genealógica”. Habermas argumenta que, para Foucault, toda resistência vitoriosa pode se colocar como a hegemonia do amanhã, movimento responsável por configurar uma sucessão infinita entre poder e resistência, que, transformando a última no primeiro, a limitaria em sua capacidade de se exercer como contrapoder. Também é comum a sugestão de que a analítica do poder desenvolvida pelo autor durante boa parte da década de 1970 seria produto de um enquadramento fatalista de “corpos dóceis” numa posição a partir da qual as possibilidades de oposição seriam quase nulas (GARLAND, 1990, 2021, p.410). Sua abordagem do neoliberalismo, realizada durante o fim dos anos 1970, suscitou, por sua vez, um considerável debate, notadamente permeado pela disputa em torno dos sentidos que a resistência pode assumir em seu trabalho (ZAMORA; BEHRENT, 2016; LAGASNERIE, 2012), ainda que, como destaca Elden (2016, p.103), a atenção de Foucault ao neoliberalismo possa ser caracterizada mais como “uma tentativa de captar as condições de possibilidade da ordem política do que um endosso ou oposição a um programa político específico”. Há ainda quem aponte para o modo pelo qual a obra de Foucault delineou um novo horizonte para o exercício contemporâneo de práticas de resistência (BUTLER, 2017).

Não obstante essa difundida querela – e mesmo seu deslocamento<sup>1</sup> –, Foucault é frequentemente lembrado como um intelectual politicamente engajado cujo trabalho versou, entre outras temáticas, sobre as lutas sociais e suas sempre dinâmicas possibilidades de antagonismo (ALVAREZ, 2006; DEFERT, 2018; ERIBON, 1990; ELDEN, 2017; MACHADO, 2017a). O livro mais recente de Marcelo Hoffman, *Foucault in Brazil: dictatorship, resistance, and solidarity* (2024), na medida em que torna repleta de detalhes a lembrança de um Foucault engajado politicamente no Brasil, é uma contribuição de fôlego à caracterização tanto da resistência em sua trajetória

pública quanto da maneira pela qual seu pensamento pôde ser influenciado pelo exercício de uma atuação política em países que não os da Europa ocidental.

O livro é dividido em seis capítulos, cuja disposição obedece à ordem das cinco visitas realizadas por Foucault no Brasil entre 1965 e 1976 – todas ocorridas, portanto, durante o período da ditadura militar brasileira (1964–1985). O primeiro capítulo, introdutório, aponta o problema a ser abordado ao longo do trabalho: a transformação de um intrigante silêncio de Foucault a respeito da ditadura durante suas três primeiras visitas ao Brasil em um “antagonismo público” ao regime militar a partir de 1975. Também é adiantado, preliminarmente, o argumento do livro, qual seja: o de que a relação de antagonismo entre Foucault e a ditadura militar brasileira foi pautada por uma estratégia de resistência baseada na ação coletiva e na solidariedade. O capítulo ainda inicia a abordagem histórica das visitas de Foucault ao Brasil – procedimento que orientará a maior parte do livro – discutindo a primeira delas, ocorrida em outubro de 1965. Combinando investigação histórica e análise conceitual, os segundo, terceiro, quarto e quinto capítulos, tratam das outras quatro vindas de Foucault ao país, ocorridas, respectivamente, em maio e junho de 1973, outubro e novembro de 1974, outubro e novembro de 1975 e, finalmente, outubro e novembro de 1976. O último capítulo, conclusivo, analisa o modo pelo qual a estratégia de resistência construída por Foucault em relação à ditadura militar brasileira – baseada na solidariedade e na ação coletiva – continuou vigente mesmo após o cessar de suas visitas ao Brasil. Além disso, mudando a temporalidade da análise para o período pós-ditadura – um procedimento de diagonalização da história característico do modo de trabalho do próprio Foucault –, o fim do livro aponta para a pertinência dos construtos analíticos encontrados em meio ao trabalho do filósofo no que se refere ao objetivo de diagnosticar o presente.

Mesmo passados mais de 40 anos da última visita de Foucault ao Brasil, a discussão envolvendo suas vindas ao país tem se apresentado com certa frequência no debate acadêmico, especialmente entre os intelectuais brasileiros. São exemplos desse movimento *Impressões de Foucault* (2017a), de Roberto Machado<sup>2</sup>, a coletânea organizada por Heliana Conde Rodrigues, *Ensaio sobre Michel Foucault no Brasil* (2016), e o artigo de Ricardo Parro e Anderson Lima da Silva, “Michel Foucault na Universidade de São Paulo” (2017). A esse painel acrescentam-se as inúmeras reportagens e entrevistas divulgadas pela imprensa, tanto *mainstream* quanto alternativa, ao redor da presença de Foucault no país. Se, por um lado, estas foram inegavelmente mais numerosas na ocasião de suas visitas, por outro, o momento atual também não deixa a desejar, especialmente durante datas comemorativas. Ao contrário do que possa parecer sob um primeiro olhar, contudo, o livro de Hoffman não se junta a esse conjunto de trabalhos. Isso porque ele se apoia no material por eles fornecido para realizar uma operação ligeiramente distinta daquela à qual temos nos dedicado no Brasil: a de inserir efetivamente o escopo das visitas de Foucault ao país na trama de sentidos mais ampla da trajetória intelectual do próprio filósofo. Mais especificamente, Hoffman demonstra como as vindas de Foucault ao Brasil impactaram o pensamento deste autor não apenas por constituírem a ocasião na qual ele mencionaria publicamente, pela primeira vez,

conceitos-chave de seu ferramental, tais como “biopolítica” ou “panoptismo” (HOFFMAN, 2024, p.37, p.47; ELDEN, 2017, p.94), ou por permitirem a interlocução com intelectuais da cena brasileira (LEBRUN, 2024; FOUCAULT, 2013), mas também por elas terem se constituído como possibilidade para o exercício de um tipo específico de atuação política, que, simultaneamente, era informado por seu estilo de raciocínio e o impactava: a resistência baseada na ação coletiva e no estabelecimento de laços de solidariedade.

Conforme a análise de Hoffman, o desenvolvimento de tal gênero de comprometimento político pode ser traçado desde a primeira visita de Foucault ao Brasil, realizada a convite da Universidade de São Paulo, em outubro de 1965 – e seu início é marcado por um imperscrutável silêncio. Ao desembarcar num Brasil que vivia seu segundo ano pós-golpe militar, e mesmo tendo seu curso na então Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da USP interrompido pela ocasião dos eventos políticos que se seguiram às eleições governamentais de 1965 e levaram ao Ato Institucional número 2 (AI-2)<sup>3</sup> (HOFFMAN, 2024, p.17-18), Foucault não se manifestou publicamente a respeito do contexto político da sociedade brasileira. Após fazer sua polêmica declaração comparando a FFCL a um departamento francês de ultramar (RODRIGUES, 2016) e apresentar, na sequência, o esboço daquilo que viria a ser publicado em abril do ano seguinte, na França, como *Les mots et les choses*, o filósofo teria saído do país sem se posicionar sobre qualquer assunto que pudesse associá-lo à oposição ao regime recém-instaurado. Mas o que se torna progressivamente evidente ao longo do livro de Hoffman é o fato de que, longe de uma falta de interesse inequívoca no que diz respeito à política brasileira – que chegou a afetar diretamente Foucault durante sua visita, resultando em uma alteração definitiva do programa inicialmente previsto para suas conferências –, esse silêncio pode ser interpretado como a forma embrionária daquilo que se configuraria, quase uma década depois, como uma franca estratégia de ação política.

Quando voltou ao Brasil pela segunda vez, já em 1973, Foucault havia, de certa maneira, se transformado. Já alçado à posição de celebridade intelectual após a publicação de *Les mots et les choses*, ele também havia vivido uma experiência impactante do ponto de vista político. Em 1968 – mas não em maio –, na Tunísia – e não na França –, o então professor de filosofia da Universidade de Túnis havia se engajado diretamente na luta estudantil contra o autoritarismo de Habib Bourguiba, atitude que lhe rendeu uma surra da polícia e uma indisposição com o governo tunisiano (ERIBON, 1990, p.181-182). Foi após ter passado por esse engajamento com a coragem de estudantes tunisianos – que, em suas palavras, o havia impressionado profundamente (FOUCAULT, 2001b[1980], p.897) – e já como contratado do *Collège de France* que Foucault desembarcaria no Rio de Janeiro para a proclamação daquela que se tornaria uma célebre série de cinco conferências, publicadas em 1974 pelos Cadernos da PUC-Rio como *A verdade e as formas jurídicas*. Foucault ainda faria uma visita a Belo Horizonte, onde falaria em dois hospitais e na Universidade Federal de Minas Gerais sobre o tema da loucura (HOFFMAN, 2024, p.25). Mas, a despeito das mudanças pelas quais Foucault havia então passado desde sua última visita ao Brasil,

não se encontram registros históricos envolvendo posicionamentos diretamente antagônicos do filósofo à ditadura, que avançava para seu período até então mais duro<sup>4</sup>.

O que é possível delimitar com clareza, contudo, é que, para além do registro de uma oposição pública à repressão perpetrada pela ditadura militar brasileira contra uma companhia de teatro norte-americana em 1971<sup>5</sup>, feita a partir de uma posição segura na França (HOFFMAN, 2024, p. 29), o conteúdo das conferências ministradas na PUC-Rio dialogava sub-repticiamente com temas fulcrais para o contexto político brasileiro da época. Partindo de uma crítica, sutilmente construída, a certo marxismo acadêmico, Foucault apresentou, como parte importante de seu trabalho na ocasião, as maneiras pelas quais formas jurídicas – como o inquérito, por exemplo – poderiam se ligar constitutivamente a práticas de violência, como a tortura. Da mesma maneira, o filósofo discutiu o modo pelo qual as relações de produção tipicamente capitalistas seriam constituídas por relações de poder cuja continuidade poderia ser verificada mesmo diante do colapso do capitalismo (HOFFMAN, 2024, p.41). Ora, não apenas a articulação entre inquérito e tortura poderia ser diretamente associada às práticas de repressão da ditadura militar aplicadas aos considerados opositores ao regime, mas também o diálogo crítico com o marxismo pode ser visto como a abertura de um novo caminho para a discussão envolvendo o alvo a ser visado por parte da esquerda no Brasil da época. Uma vez que rompia com o jargão marxista então corrente e colocava o tensionamento das relações de poder como uma maneira de contraposição possível, Foucault não apenas alargava o horizonte de uma esquerda marcada pelo então chamado foquismo<sup>6</sup>, mas também se juntava a um modo específico e coletivo de resistência, que não despertava os radares do Sistema Nacional de Informação (SNI)<sup>7</sup> nem para si nem para aqueles a seu redor.

Tal estratégia fica ainda mais evidente quando observada a visita de Foucault a Belo Horizonte. Em suas interações, Foucault parecia, segundo Hoffman, “estar dançando ao redor do elefante na sala” (HOFFMAN, 2024, p.44); sua atitude no Brasil, contrastada com seu passado militante, parecia paradoxal. Mas não apenas é possível encontrar no conteúdo de suas exposições a respeito da loucura uma analogia em relação à repressão política (HOFFMAN, 2024, p.45), como também é necessário lembrar que, ao visitar a capital de Minas Gerais, Foucault estava cercado de alvos quase óbvios do regime militar, como o filósofo José de Anchieta Corrêa, que o acompanhou em Belo Horizonte. Neste ponto do livro de Hoffman, a interpretação da ausência de menções diretas de Foucault ao regime militar como cumplicidade já começa a se apresentar como duvidosa. O silêncio, que pode assumir por vezes a face de uma estranha abstenção, pode começar a ser percebido, em toda sua discrição, como solidariedade.

Em 1974, o filósofo viria novamente ao Rio de Janeiro para uma série de conferências no Instituto de Medicina Social da então Universidade Estadual da Guanabara – hoje Universidade Estadual do Rio de Janeiro –, durante as quais discutiria a “crise atual da medicina”, título da primeira de suas três conferências sobre a área (HOFFMAN, 2024, p.50), e psiquiatria, tema das outras duas<sup>8</sup>. Somente as conferências sobre medicina foram traduzidas e publicadas. É durante

essa visita que, numa carta a Daniel Defert, Foucault aponta que, no Brasil de então, “trata-se de manter um discurso histórico, codificado, o único possível” (HOFFMAN, 2024, p.51; DEFERT, 2001, p. 62). Sua atuação, de fato, é muito similar àquela observada em 1973, e novamente Hoffman aponta para a maneira pela qual o conteúdo das intervenções de Foucault dialogava com seus interlocutores brasileiros de modo a se endereçar a questões pertinentes ao contexto político então vivido sem expor seus anfitriões aos horrores imediatos da ditadura. Ao delinear uma história da medicina moderna que a situa como sempre social, em oposição à perspectiva hegemônica vigente então no Brasil acerca do caráter emancipatório de uma “medicina social” contraposta a uma medicina individualista e alienante, Foucault não apenas chamava a atenção para a pertinência do papel da medicina em meio à luta de classes, mas também para o modo pelo qual certos modelos de desenvolvimento da Europa ocidental, tidos como meios de resistência pelos setores progressistas no Brasil, poderiam servir, em última instância, aos interesses burgueses. Tal posição não apenas repercutiu intensamente entre os intelectuais brasileiros – sendo *Danação da norma* (MACHADO *et al.*, 1978) um dos inúmeros produtos desse diálogo com Foucault –, como também continuou a se configurar como parte da construção de um modelo de resistência possível à ditadura, que, naquele momento, começava a ganhar novos contornos.

O assassinato de Vladimir Herzog em 25 de outubro de 1975 ampliaria para setores da classe média, até então relativamente amortecidos no que diz respeito à oposição ao regime militar, o conhecimento sobre a chamada Operação Radar, que consistia na tentativa de liquidação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) pelos militares. É também durante esse ano que Foucault finalmente rompe seu silêncio público envolvendo a ditadura e, pela primeira vez, durante uma assembleia do movimento estudantil na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP realizada em 23 de outubro, lê um manifesto contra a repressão policial na universidade, no qual se compromete a apoiar as ações dos estudantes. Isso significaria, naquele contexto, a interrupção de seu curso na Universidade de São Paulo, baseado no então manuscrito do que viria a ser o primeiro volume de *História da sexualidade*. Na tarde do dia 24 de outubro, Vladimir Herzog seria convocado ao DOI-Codi e, no dia seguinte, apareceria morto. Foucault converte então seu cronograma, antes pensado a partir da ministração de seu curso na USP, numa série de compromissos informais, entre os quais encontramos a fala realizada num Centro Acadêmico da Universidade de Campinas, a proclamação de uma declaração sobre a morte de Herzog – transformada em panfleto pelo movimento estudantil – e o comparecimento à cerimônia ecumênica realizada em nome de Herzog na Catedral da Sé, em 31 de outubro. Ora, se tal quebra de silêncio e a participação nessa série de eventos denota a oposição inequívoca de Foucault ao regime militar, ela também aponta para os critérios adotados pelo filósofo para sustentar uma tomada de posição: foi apenas no contexto de uma ressuscitação do movimento estudantil, bem como diante de uma repressão mais seletiva e previsível por parte dos militares – voltada notadamente aos membros do Partido Comunista Brasileiro –, que Foucault articulou um discurso público de oposição à ditadura. Tanto

o silêncio anterior quanto o inédito posicionamento se veem, portanto, definitivamente imiscuídos numa mesma estratégia de resistência, calcada na ação coletiva e na solidariedade.

A publicidade da oposição de Foucault à ditadura joga luz sobre outras modalidades de resistência em Foucault para além do cinismo (HOFFMAN, 2024, p.94), problemática mais tardia no conjunto de seu trabalho. Mas também é possível, a partir da observação das condições por meio das quais se deu essa publicidade, associar a atuação política de Foucault no Brasil a um desdobramento, agora coletivo e fora da França, de uma já conhecida postura do filósofo em meio às lutas sociais nas quais se engajou, caracterizada pelo planejamento estratégico e cauteloso do momento de ataque<sup>9</sup>. A maneira pela qual Foucault rompeu seu silêncio sobre a ditadura militar no Brasil parece indicar que o filósofo não restringiu a si mesmo esse tipo de cautela: ao esperar o contexto propício, Foucault não apenas se abstinha de maiores riscos – é importante lembrar que o filósofo já estava protegido, em 1975, pelo serviço diplomático francês (HOFFMAN, 2024, p.77) –, mas também oferecia sua solidariedade a seus interlocutores brasileiros, francos alvos da ditadura em sua maioria. Em 1976, quando de sua última visita ao Brasil, se torna evidente, também de maneira similar àquela observada quando de sua atuação no GIP, a disposição em instrumentalizar o prestígio do qual então gozava a fim de chamar a atenção para o intolerável.

Após ter sido quase expulso do Brasil em 1975 – a ordem havia sido lavrada, mas não executada (HOFFMAN, 2024, p.88) –, Foucault volta ao país em 1976 na tentativa de ser, dessa vez, efetivamente banido e, assim, chamar a atenção internacional para a calamidade na política brasileira. Seus planos são frustrados; para além de uma ficha no SNI, que não o apontava como diretamente ligado ao “inimigo interno” comunista (HOFFMAN, 2024, p.79), o regime militar parecia, de fato, não estar disposto a sustentar o desgaste de imagem ao qual seria submetido diante da comunidade internacional ao expulsar Foucault. Não obstante, aquela que seria sua última visita ao país é proveitosa: realizada quase inteiramente no Norte e Nordeste, com uma rápida passagem pelo Rio de Janeiro, ela seria o último ato do tipo peculiar de resistência exercido por Foucault no país. De maneira semelhante àquela observada em 1973 e 1974, Foucault se endereçaria à problemática na política brasileira por meio do engajamento crítico com o marxismo durante suas conferências. Agora, porém, esse engajamento seria especialmente denotador de seu caráter eminentemente político e contingencial, visto que, apenas um ano antes, ao se deparar com a solicitação de um estudante para que ele desse uma aula sobre Marx na França, Foucault teria se indisposto, recusando veementemente o pedido; além disso, ele prosseguiria numa ampla crítica, especialmente ao marxismo de Althusser, em seu curso de 1976 no *Collège de France, Em defesa da sociedade* (HOFFMAN, 2024, p.110-111). Na Universidade Federal da Bahia, em Salvador, onde proferiu a série de conferências publicada em 1981 e 1982, em duas partes, na revista anarquista *Barbárie* como *As malhas do poder*<sup>10</sup>, Foucault teria, sob uma advertência de Roberto Machado envolvendo a orientação especialmente marxista nas universidades do Nordeste, mobilizado *O Capital* como exemplo de material central para a apreensão das relações de poder. Ainda que,

tal como apontado por Machado (HOFFMAN, 2024, p.119), essa tenha sido uma maneira de engajar intelectualmente seus interlocutores com seu próprio material em última instância crítico ao marxismo, Foucault notadamente se propunha a considerar o contexto político a partir do qual, dali em diante, se daria esse engajamento: após receber o alerta de Machado, o filósofo respondera que seria incapaz de criticar o partido comunista num país no qual seus membros são presos e torturados (MACHADO *apud* HOFFMAN, 2024, p.91).

Hoffman mostra, ao fim de sua incursão pelas cinco visitas de Foucault ao Brasil, que o “paradoxal” silêncio do filósofo a respeito da ditadura seria advindo, na verdade, de um exercício de resistência calcado na solidariedade e na ação coletiva que, não obstante sua configuração como produto de seu trabalho analítico, também parece tê-lo influenciado posteriormente. Não apenas o filósofo se referiu várias vezes ao período de suas estadas no Brasil – tanto para complexificar diagnósticos e discussões (HOFFMAN, 2024, p.130-131) quanto para fazer denúncias (HOFFMAN, 2024, p.95) –, como também é possível sugerir que o primeiro volume de *História da sexualidade*, que começou a ser escrito em 1974 (ELDEN, 2017, p.157) e que, notadamente, em sua crítica à hipótese repressiva procura superar o horizonte freudo-marxista, foi influenciado pela convivência e interlocução com o universo intelectual brasileiro, caracterizado, tal como escreveu Foucault a Defert, pela mobilização de “Freud e Marx ao infinito” (HOFFMAN, 2024, p.119). Em 1976, Foucault traz ao Brasil as provas de seu livro prestes a ser lançado e as entrega a Roberto Machado e Chaim Samuel Katz, que será o autor da primeira resenha de *A vontade de saber* (HOFFMAN, 2024, p.101). Com efeito, é possível enxergar, no silêncio inicial de Foucault a respeito da ditadura militar brasileira, o esboço prático daquilo que seria elaborado teoricamente em seu livro de 1976 como a recusa a uma discursividade limitada pela psicanálise, de um lado, e pelo marxismo, de outro. Construção analítica que deixa entrever seu arrojo quando, apresentando-se em sua forma preambular como orientação prática, não se furta a aderir às já supostamente ultrapassadas faces de tal discursividade no momento em que seu papel é o de oposição direta ao intolerável do poder. O que fica evidente a partir da incursão realizada por Hoffman, portanto, é que, no Brasil, Foucault pôde tanto exercitar práticas de resistência afins à posição de intelectual específico cunhada em contraposição a Sartre – e que seria observada também no Irã em 1978 e 1979 (FOUCAULT, 2001d[1979], p.790) – quanto encontrar um espaço de interlocução estimulante para o desenvolvimento de seu próprio pensamento.

A conclusão do livro de Hoffman aponta para a continuidade da participação de Foucault na vida política brasileira, mesmo à distância. O filósofo assinaria um manifesto contra a demissão persecutória de professores da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – entre eles, Roberto Machado –, bem como participaria da confecção de uma carta de protesto endereçada a Geisel (HOFFMAN, 2024, p.134-135). As relações com o Brasil para além da resistência também continuariam: em 1981, Fernando Henrique Cardoso ministraria uma aula no *Collège de France* a convite de Foucault. Contra as suspeitas relativas a um rompimento ressentido de

Foucault com o Brasil, Hoffman sugere que as visitas de Foucault ao país continuariam ou voltariam a acontecer, não fosse seu interesse crescente pela Califórnia seguido de sua morte em 1984. É realizada também uma breve análise do contexto político brasileiro que culminou na eleição de Jair Bolsonaro em 2018 à luz de construtos pertinentes ao ferramental desenvolvido por Foucault. Chama-se a atenção para a constitutiva heteronomia do poder judiciário, dados sua formação e funcionamento em meio a uma ampla rede de relações de poder – dimensão que ajuda a explicar o modo pelo qual a justiça foi instrumentalizada para submeter Dilma Rousseff a um processo de *impeachment* – e para a eventual demanda popular por medidas autoritárias – aspecto que parece ser constitutivo do bolsonarismo (HOFFMAN, 2024, p.137).

Se, por um lado, a ambiguidade que aparentemente caracterizava a relação de Foucault com a política e a sociedade brasileiras quando de suas primeiras visitas ao país pode ser encarada como indício de um oculto pacto com o conservadorismo, por outro ela foi, muitas vezes, subestimada por seus simpatizantes e contemporâneos mais informados. Frequentemente, aqueles que se debruçaram sobre a relação do filósofo com o país interpretaram a transformação de seu silêncio inicial a respeito da ditadura numa incisiva tomada de posição como a confirmação inequívoca de que Foucault sempre teria sustentado uma postura antagonista ao regime. Sem perder de vista todas as passagens da vida e do pensamento de Foucault que corroboram essa interpretação, *Foucault in Brazil* leva a sério a possibilidade de que o filósofo francês pudesse ter mudado de ideia ao longo do caminho ou, simplesmente, se manifestado de maneira aleatória a respeito do que se vivia no Brasil durante a ditadura. Entretanto, o livro mostra que, para além de uma curiosidade biográfica, a relação entre Foucault e o Brasil foi permeada pelo exercício de uma postura estratégica de resistência ao regime militar e serviu como palco de uma interlocução intelectual bilateralmente produtiva. Hoffman aponta que, mais do que pressupor o antagonismo de Foucault diante do regime militar – ou de qualquer outro acontecimento político –, é necessário escavá-lo historicamente para além da memória, a fim de que apareçam efetivamente as condições de sua produção. Nada faria mais jus à proposta de Foucault, que, para além de um intelectual engajado, foi, sobretudo, um verdadeiro escavador.

---

## Notas

<sup>1</sup> Em *The force of truth*, Daniele Lorenzini (2023) redefine os termos desse debate, apontando como o problema da resistência em Foucault se transforma, a partir do desenvolvimento das noções de “governo” e “aleturgia”, em uma questão envolvendo as possibilidades de *ser governado de outra maneira*. Após o reenquadramento do poder por tais noções, reenquadramento este que operou de maneira a enfatizar o entrelaçamento entre as técnicas coercitivas e as técnicas de si, “a questão para Foucault não é mais exatamente a de ‘como resistir ao poder’, mas ‘como ser governado de outra maneira’, ou seja, como transformar a interação entre – e a respectiva importância estratégica das – técnicas de coerção e técnicas de si em determinada circunstância, de modo a neutralizar os efeitos da dominação tanto quanto possível” (LORENZINI, 2023, p.26, tradução nossa).

<sup>2</sup> Para uma entrevista com Roberto Machado acerca deste livro, cf. Machado (2017b).

<sup>3</sup> As eleições de 1965 foram importantes para definir os desdobramentos do regime militar. Devido ao Ato Institucional nº1, as eleições presidenciais, marcadas para o dia 3 de outubro, não ocorreram. Nas eleições estaduais realizadas no pleito, os militares saíram derrotados por candidatos da oposição em estados importantes, como Guanabara e Minas Gerais. Na Guanabara, Negrão de Lima, apoiado por Juscelino Kubitschek, venceu o candidato apoiado por Carlos Lacerda, apoiador de primeira ordem do regime. A derrota dos militares acendeu a oposição e algumas lideranças retornaram do exílio, como Kubitschek. Os militares responderam rapidamente: no dia 27 de outubro decretaram o AI-2, que, entre outras manobras autoritárias, instituía eleições indiretas para presidente e a possibilidade de decreto de Estado de Sítio sem autorização prévia do Congresso Nacional. Cf. Gaspari (2014b).

<sup>4</sup> Nos anos 1970 – mais especificamente até 1978 –, vigorava no Brasil o Ato Institucional nº5, decretado em dezembro de 1968 pelo General Costa e Silva. O ato foi o mais autoritário do regime militar, responsável pela suspensão de direitos políticos, pela autorização do Governo Federal de legislar por decretos e pela proibição de reuniões e atividades consideradas “subversivas” pelos militares. Na prática, o ato intensificou as violações de direitos humanos e episódios de prisões ilegais e tortura. Cf. Gaspari (2014c).

<sup>5</sup> Trata-se do *Living Theatre*, companhia de teatro experimental criada em 1947 e baseada em Nova Iorque, atuante até hoje. Para mais sobre o *Living Theatre* no Brasil, cf. Ryan, Beck, Malina (1971); Vannucci (2012) e Kaminski (2023). Para uma perspectiva de um membro brasileiro do grupo, cf. Troya (2015, 2021).

<sup>6</sup> O foquismo é uma abordagem revolucionária desenvolvida pelo francês Régis Debray. A tática consistia em organizar focos de revolução ao redor do mundo – especialmente armada, com táticas de guerrilha. A abordagem teve alguns adeptos no Partido Comunista do Brasil (ROLLEMBERG, 2009).

<sup>7</sup> O Serviço Nacional de Informações (SNI) foi criado pela Ditadura Militar com objetivo de servir como um serviço de espionagem nacional. Na prática, o órgão foi operacionalizado pelo regime militar para investigar e supervisionar atividades de opositores. Cf. Gaspari (2014a, 2014c).

<sup>8</sup> Há controvérsia sobre o número de conferências que Foucault deu naquele ano de 1974 no Brasil. Cf. Hoffman, 2024, p. 49.

<sup>9</sup> Nota-se esse tipo de postura quando de seu engajamento com o *Groupe d'Information sur les Prisons* (GIP), por exemplo. Enquanto Foucault se mostrava ciente do risco ao qual se submetia quando se inseriu, como fundador do GIP, no movimento de luta nas prisões em meio à perseguição aos maoístas na França do início dos anos 1970 (FOUCAULT, 2001 g[1971], p.1077), é notável que, já como professor contratado do *Collège de France*, seu prestígio contrabalançava, até certo ponto, o risco inerente a essa tomada de posição. Tal dimensão se torna evidente quando observada a maneira pela qual Foucault reagiu a uma detenção e abuso de autoridade policial sofridos em 1º de maio de 1971, junto a outros membros do GIP: prestando queixa pública e divulgando a situação no *Le Monde* e na revista *Combat* (ARTIÈRES, 2003, p.49).

<sup>10</sup> Segundo Hoffman, o título original de suas conferências na UFBA, “Sexualidade e seu controle nas sociedades ocidentais”, foi alterado pelos estudantes anarquistas que atenderam ao evento e organizaram sua publicação (HOFFMAN, 2024, p.103).

## Referências

- ALVAREZ, Marcos César. “Punição, poder e resistências: a experiência do Groupe d’Information sur les Prisons e a análise crítica da prisão”. *In*: SCAVONE, Lucila.; ALVAREZ, Marcos. César.; MISKOLCI, Richard (orgs). **O legado de Foucault**. São Paulo: Editora Unesp, 2006, pp. 45-60.
- ARTIÈRES, Philippe. **Le Groupe d’Information sur les Prisons: Archives d’une lutte (1970-1972)**. Paris/Caen: Éditions de l’IMEC, 2003.
- BUTLER, Judith. “Sujeição, resistência, ressignificação: entre Freud e Foucault”. *In*: BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, pp. 89-112.
- DEFERT, Daniel. Chronologie. *In*: FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits: I (1954-1975)**. Paris: Gallimard, 2001, pp. 13-90.
- DEFERT, Daniel. **L’engagement de Michel Foucault**. Poitiers: Atlantique, 2018.
- ELDEN, Stuart. **Foucault’s Last Decade**. Cambridge: Polity, 2016.
- ELDEN, Stuart. **Foucault: The Birth of Power**. Cambridge: Polity, 2017.
- ERIBON, Didier. **Michel Foucault: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FOUCAULT, Michel. “De la nature humaine: justice contre pouvoir”. *In*: FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits: I (1954-1975)**. Paris: Gallimard, 2001a[1974], pp. 1339-1380.
- FOUCAULT, Michel. “Entretien avec Michel Foucault”. *In*: FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits: II (1976-1988)**. Paris: Gallimard, 2001b[1980], pp. 860-914.
- FOUCAULT, Michel. “Espace, savoir et pouvoir”. *In*: FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits: II (1976-1988)**. Paris: Gallimard, 2001c[1982], pp. 1089-1104.
- FOUCAULT, Michel. “Inutile de se soulever?”. *In*: FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits: II (1976-1988)**. Paris: Gallimard, 2001d[1979], pp. 790-794.
- FOUCAULT, Michel. “L’oeil du pouvoir”. *In*: FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits: II (1976-1988)**. Paris: Gallimard, 2001e[1977a], pp. 190-207.
- FOUCAULT, Michel. “Mesa-redonda com Michel Foucault”. *In*: FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: PUC-RIO/NAU Editora, 2013.
- FOUCAULT, Michel. “Non au sexe roi”. *In*: FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits: II (1976-1988)**. Paris: Gallimard, 2001f[1977b], pp. 256-269.
- FOUCAULT, Michel. “Un problème m’intéresse depuis longtemps, c’est celui du système pénal”. *In*: FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits: I (1954-1975)**. Paris: Gallimard, 2001g[1971], pp. 1073-1077.

- GARLAND, David. **Punishment and Modern Society: A Study in Social Theory**. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- GARLAND, David. “Sociedades com elevadas taxas de delitos e *Cultura do Controle*”. In: SOZZO, Máximo (org.) **Para além da cultura do controle?: debates sobre delito, pena e ordem social com David Garland**. Porto Alegre: Aspas, 2021, pp. 385-413.
- GASPARI, Elio. **O sacerdote e o feiticeiro: A ditadura derrotada**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014a.
- GASPARI, Elio. **As ilusões armadas: A ditadura envergonhada**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014b.
- GASPARI, Elio. **As ilusões armadas: A ditadura escancarada**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014c.
- HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade: doze lições**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HOFFMAN, Marcelo. **Foucault in Brazil: Dictatorship, Resistance, and Solidarity**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2024.
- KAMINSKI, Leon. Prisão, arte e vida: o Living Theatre no Brasil. **ArtCultura**, vol. 25, n. 47, pp. 106–126, 2023.
- LAGASNERIE, Geoffroy de. **La dernière leçon de Michel Foucault: Sur le néolibéralisme, la théorie et la politique**. Paris: Fayard, 2012.
- LEBRUN, Gérard. “Foucault ao vivo”. In: LANNA, Ruth; PIMENTA, Pedro Paulo (Orgs.). **A vingança do bom selvagem e outros ensaios**. São Paulo: Editora Unesp, 2024.
- LORENZINI, Daniele. **The Force of Truth: Critique, Genealogy, and Truth-Telling**. Chicago: The University of Chicago Press, 2023.
- MACHADO, Roberto; LOUREIRO, Ângela; LUZ, Rogério; MURICY, Kátia. **Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MACHADO, Roberto. **Impressões de Michel Foucault**. São Paulo: N-1 Edições, 2017a.
- MACHADO, Roberto. Impressões de Foucault: entrevista com Roberto Machado. Entrevista concedida a Michel Misse. **Sociologia & Antropologia**, vol. 7, n. 1, pp. 17–30, 2017b.
- PARRO, Ricardo; SILVA, Anderson Lima da. Michel Foucault na Universidade de São Paulo. **Discurso**, vol. 47, n. 2, pp. 205-223, 2017.
- RYAN, Paul Ryder.; BECK, Julian.; MALINA, Judith. The Living Theatre in Brazil. **The Drama Review**, vol. 15, n. 3, pp. 20-29, 1971.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. **Ensaio sobre Michel Foucault no Brasil: Presença, efeitos, ressonâncias**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.
- ROLLEMBERG, Denise. **O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o Treinamento Guerrilheiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

TROYA, Ilion. Fragmentos da vida do The Living Theatre. **ECOPOLÍTICA**, vol. 12, pp. 131-162, 2015.

TROYA, Ilion. Living Theatre em Ouro Preto, prisão e exílio. Entrevista concedida a Leon Kaminski. **Ephemera**, vol. 4, n. 8, pp. 10-29, 2021.

VANNUCCI, Alessandra. O Living Theatre em Ouro Preto e a invenção dos Atos públicos. Reportagem 1971-2011. **Revista Arte e Filosofia IFAC/UFOP**, vol. 7, n. 12, pp. 85-102, 2012.

ZAMORA, Daniel; BEHRENT, Michael (eds.). **Foucault and Neoliberalism**. Cambridge: Polity, 2016.

RESENHA DE: HOFFMAN, Marcelo. **Foucault in Brazil: Dictatorship, Resistance, and Solidarity**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2024.

**JADE GONÇALVES ROQUE** (jade.roque@usp.br) é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade de São Paulo (USP, Brasil). É graduada e licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. Foi pesquisadora visitante do *Laboratoire d'études et de recherches sur les logiques contemporaines de la philosophie* (LLCP, França) da *Université Paris 8 – Vincennes – Saint-Denis* (Paris 8, França) e é pesquisadora do Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da USP. É bolsista de doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – Processo n. 24/09634-7).

 <https://orcid.org/0000-0002-6231-5329>

**FELIPE RAMOS GARCIA** (frgarcia@usp.br) é doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP, Brasil) e pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da USP. Graduado e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (Unesp, Brasil).

 <https://orcid.org/0000-0001-9767-1449>

### Colaboradores

JGR trabalhou na conceitualização, análise formal e escrita do rascunho original da resenha. FRG trabalhou no levantamento de dados e na revisão e edição do rascunho final da resenha.

### Declaração de disponibilidade de dados

Os conjuntos de dados relacionados a este artigo estarão disponíveis mediante solicitação aos autores correspondentes.

Recebido em: 27/11/2024  
Aprovado em: 17/02/2025

Editores responsáveis:

Michel Misse  
Kátia Sento Sé Mello